

A IDADE DA RAZÃO

No princípio...

... eram coloridas filas de casinhas de madeira, uma loja de secos e molhados, um bar e barro, muito barro. No meio de tudo, um monte de gente. Caras do Nordeste, de Minas e “do” Goiás. Dos Brasis. Era o começo de Brasília.

Ana Beatriz Magno

A primeira árvore plantada — O presidente Juscelino Kubitschek era o típico pai coruja. Não perdia uma só cerimônia de sua Brasília e fazia de cada momento um grande evento. Um exemplo, foi quando decidiu plantar em grande estilo a primeira árvore da cidade. Aproveitou a inauguração da escola Júlia Kubitschek e no dia 21 de setembro de 1957 plantou um pé de Canjerana, no pátio do colégio. Um ano depois, em 1958, JK plantou a muda pioneira do Plano Piloto, uma almecega, na quadra 23 das casas populares.

Censo — A Brasília-canteiro de obras era o paraíso das solteironas a perigo. No primeiro censo, feito em março de 1957, entre os 2 mil 13 habitantes cadastrados havia 1.369 homens, 296 crianças e apenas 248 mulheres. Na ponta do lápis, eram sete homens para cada mulher. Outro dado curioso é o baixo índice de analfabetismo. Entre a população adulta, havia apenas 13% de analfabetos.

Casamento — O primeiro casório aconteceu cedo. Em 17 de março de 1957, José Vitorino da Silva, funcionário da Novacap, jurou amor eterno a Generina Maria dos Santos. A cerimônia foi celebrada pelo padre Oswaldo Sérgio Lobo.

Parteira — Parteira de todas as horas, dona Filomena foi por quase dois anos a única profissional do ramo na cidade. Morava na Candangolândia e enquanto não havia hospital por aqui era ela a obstetra da capital. Nos arquivos e mesmo entre os pioneiros, ninguém sabe dizer o destino da velha parteira.

Hospital — A primeira doença na capital prometida ninguém esquece. Principalmente quando os médicos são poucos e os acidentes de trabalho acontecem todos os dias. O primeiro hospital, batizado de Juscelino Kubitschek, é claro, foi criado em 6 de julho de 1957, num pequeno galpão de madeira, entre a Cidade Livre e a Candangolândia. Pertencia ao extinto IAPI, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (IAPI) e o médico responsável era Edson Porto. Hoje por lá não existe nem mais o cheiro de hospital. Virou o Museu vivo da Memória Candanga.

Primeira farmácia — Remédios caseiros e alguns comprimidos importados do Rio e São Paulo não faltavam na Farmácia Moma, na Cidade Livre. Primeira do gênero, a farmácia pertencia a João Pereira de Moma.

Obra definitiva — A Ermida D. Bosco foi a primeira a perder a cara de obra. Em 31 de dezembro de 1956, ela foi concluída. Tem a mesma forma até hoje.

Residência oficial — Essa já virou até ponto turístico. Era o Catetinho. Foi lá que o presidente Juscelino morou e trabalhou entre 1956 e 1958.

Restaurante — Se ainda hoje comer bem na capital da República é difícil, quem dirá há 38 anos. O primeiro restaurante da cidade funcionava na Cidade Livre desde 1956. Era do italiano Vitor Peleck. No Plano Piloto, o primeiro “point” chic foi o Solar Português, inaugurado em 1961, na 313 Sul. Sua dona era Léa Cavaleiro Accioli. Nos idos de 60, o Solar Português tinha uma clientela parecida com a do atual Plantella: vivia recheado de políticos.

Baile de carnaval — Os primeiros confetes de Brasília foram lançados com pompa e circunstância no carnaval de 1959. No dia 7 de fevereiro, o Hotel Brasília Palace inaugurava a programação carnavalesca da capital. Ainda em clima de canteiro de obras, os foliões-pioneiros dançaram ao som de famosas marchinhas.

Rainha da Primavera — Belas das belas candangas, Maria Vitória Duarte recebeu a faixa de Rainha da Primavera, em 1957, no Clube Paranoá. Era a primeira miss de Brasília.

Jornal — A imprensa demorou a chegar à capital. O primeiro jornal instalado aqui foi a A Tribuna em 1958, impressa inicialmente em Araguari (MG) e depois em gráfica própria no improvisado aeroporto de madeira verde, que ficava no mesmo lugar do atual.

Rádio — O radinho de pilha dos candangos começou a transmitir programas brasileiros, em 31 de maio de 1958. Era a inauguração da Rádio Nacional de Brasília.

Transmissão em cores de tevê — A cor demorou, mas chegou. As nove e meia da manhã, de 19 de fevereiro de 1972, a TV Brasília apresentou os brasileiros com a primeira transmissão em cores.

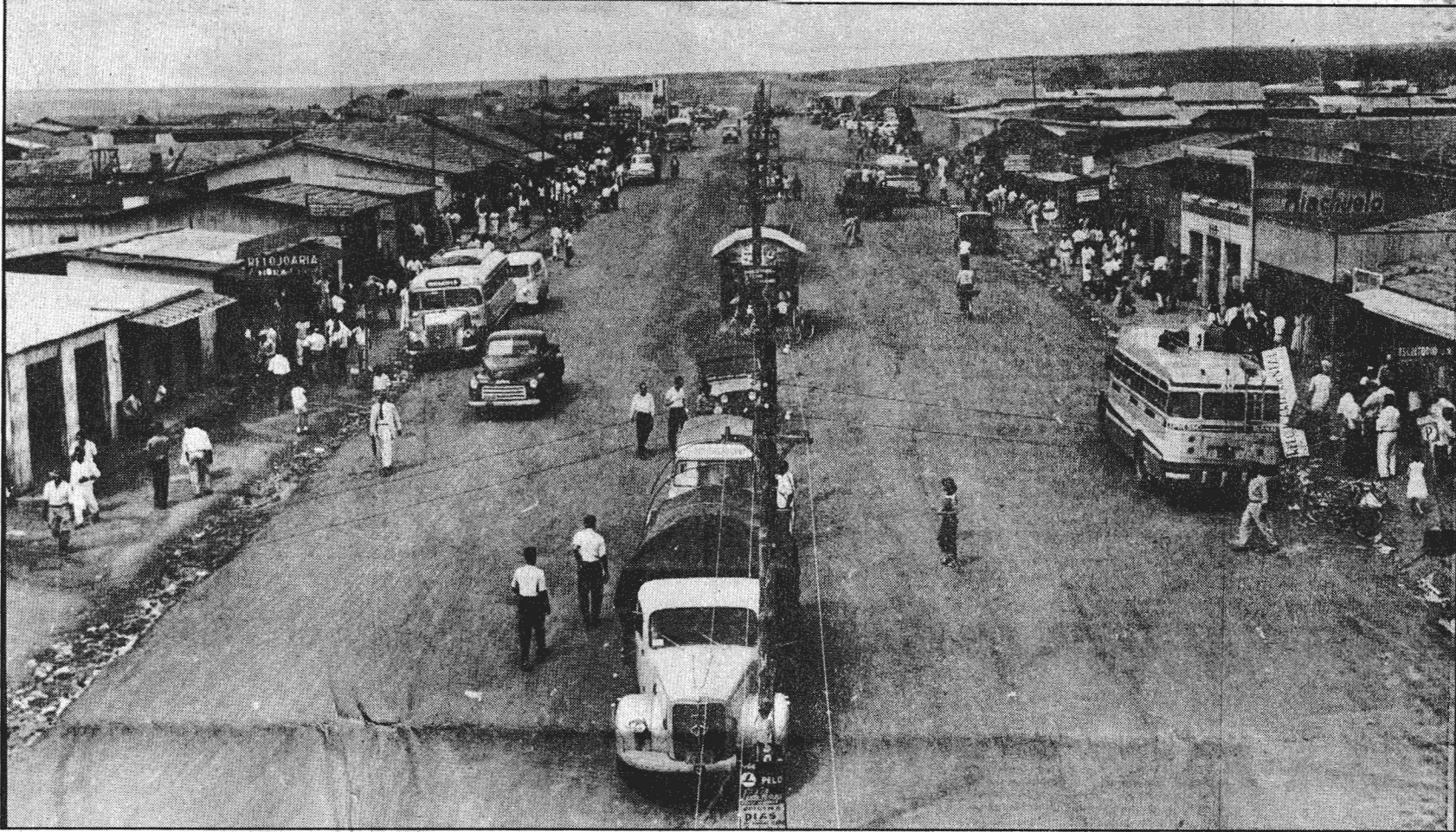
Livro impresso — Bagana Monólogo. O livro de Ruy Carneiro foi o primeiro a ser impresso em Brasília. Vendeu como água nos acampamentos de engenheiros e operários.

Linha aérea comercial — Ainda que com desenho e potência de teco-teco, os aviões da Real Aerovias começaram fazer escalas em Brasília no final de 1956. Foram os primeiros. O pioneiro DC-3 saía do Rio às 7h, parava em Três Pontas, Varginha, Belo Horizonte, Uberaba, Araguari, Uberlândia, Goiânia e Anápolis e chegava à capital no início da noite. Aterrissava no improvisado aeroporto de madeira verde, que ficava no mesmo lugar do atual.

Carta — O pombo pousou passou por aqui pela primeira vez no final de 1956. Trouxe uma carta para o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, remetida em 10 de novembro de 1956 pelo sr. Joaquim L. Silva de Xaxim, município de Xapacó (SC). Era a primeira correspondência que chegava à cidade por via aérea.

Asfalto — O barro começou a sair do cenário de Brasília às 5h da tarde de 5 de agosto de 1958. Foi então que as ruas da capital receberam a primeira camada de asfalto.

ARQUIVO PÚBLICO DO DF



A Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, foi o primeiro aglomerado urbano construído para abrigar os operários da nova capital

ARQUIVO PÚBLICO DO DF



Funcionário Público

Cidade do serviço público. Das máquinas de ponto e dos ministérios comandados por protocolos. Mas nem sempre o serviço público da capital abrigou só violentas burocracias. Luciano Pereira que o diga. Primeiro funcionário público da cidade, ele chegou aqui em 1956 e em outubro já trabalhava como administrador do Catetinho.



Brasilienses

A disputa pelo título de primeiro brasiliense é grande. Há quem diga que muitas crianças nasceram nos acampamentos mas não foram registrados em cartórios. Outros juram que o primeiro brasiliense é Brasília Franklin Queiroz, nascido em março de 1957 e batizado, em 3 de abril. O padrinho, é lógico, foi JK. Uma solução para o problema está no próprio arquivo público de Brasília. Lá, existe o registro de que os gêmeos Roberto e Ricardo nasceram em 23 de dezembro de 56 e foram registrados no cartório de Anápolis. Filhos de José Luiz de Alcantara e Maria Ana de Alcantara.

Missa

Candangos que é candango tem fé. No dia 3 de março de 1957, a praça do Cruzeiro, atrás do atual Memorial JK, ficou cheia. Os pioneiros se transformaram em multidão e foram assistir à primeira missa da capital. O arcebispo de São Paulo, Dom Carmello Vasconcellos celebrou a cerimônia.

Igreja

Cada um diz uma coisa. No Museu Vivo da Memória Candanga fala-se que a primeira igreja da cidade foi a Paróquia de N.S. da Aparecida, já demolida e substituída por um motel, no Núcleo Bandeirante. Os pioneiros da antiga Cidade Livre juram que a primeira igreja católica foi a paróquia do Padre Roque. “Antes dela havia apenas um templo batista”, lembra Tânia Souza, moradora do Núcleo Bandeirante desde 1956.

Prefeito

Homem do cofre durante a construção de Brasília, Israel Pinheiro foi o primeiro prefeito da cidade. Seu mandato durou de maio de 1960 até janeiro de 1961. Antes da prefeitura, ele ganhou prestígio como presidente da Novacap.

Cinema

“Cinema é a melhor diversão”, dizem hoje várias placas luminosas de cinemas cariocas. Os candangos da década de 50 tinham a mesma opinião. Faziam fila em frente ao Cine Bandeirantes, inaugurado em 1958, na Cidade Livre. Não havia quem perdesse os filmes de cowboy, sucesso na Brasília que nascia com cenário de faroeste.

ARQUIVO PÚBLICO DO DF



Os pioneiros lotaram a praça do Cruzeiro, no dia 3 de março de 1957, para assistir à primeira missa de Brasília

ARQUIVO PÚBLICO DO DF



Sepultado

O engenheiro Bernardo Sayão, vice-governador de Goiás, veio para Brasília, animado pela ideia de coordenar as obras de construção da estrada Belém-Brasília. No meio da obra, em janeiro de 1959, uma árvore em queda atingiu Sayão. Sua morte inaugurou o cemitério do Campo da Esperança. Antes de Sayão, morreram centenas de operários na construção da cidade. Alguns foram enterrados em Taguatinga e outros na beira da estrada.

JEFFERSON RUDY



Secos e Molhados

A loja de conveniência da Brasília-Canteiro de Obras ficava na cidade livre e era um típico secos e molhados. Vendia-se de tudo. O nome do estabelecimento fazia jus à fama: era a “Casa da Sogra”, fundada em 4 de abril de 1957 pelo comerciante Revalino de Almeida. O estabelecimento de “seu Revalino” sobreviveu ao tempo e até o hoje está com as portas abertas no Núcleo Bandeirante, numa simpática casinha de madeira.

RESPOSTA DEPRESSA

Teste seus conhecimentos sobre a história de Brasília. É fácil, a cidade só tem 34 anos de vida. Responda rápido às perguntas abaixo:

JEFFERSON RUDY



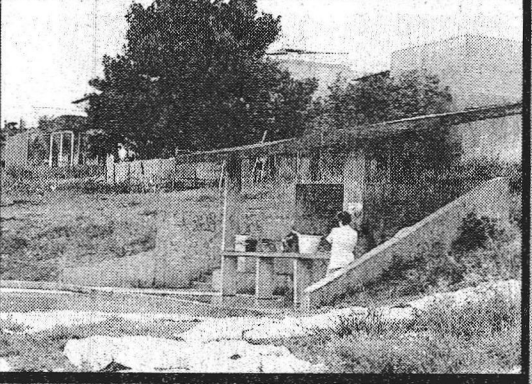
— Como se chamava o primeiro boteco da capital?

- () Beirute
- () Maracangalha
- () Bar do Afonso

■

Bar da Maracangalha. Um típico boteco pé-sujo. O dono era “seu Ferezini”, descendente de italianos que veio tentar a sorte no cerrado. Era lá, na Avenida Central da Velha Cidade Livre, que os pioneiros praticavam o halterocismo. Levantavam o copo, preferencialmente cheio de legítima cachaa goiana. Nos dias de sorte, o presidente Juscelino Kubitschek aparecia no Maracangalha e, sentado numa mesa de ferro, distribuía autógrafos. Hoje, o boteco não existe mais. Foi substituído por uma austera loja de ferragens. A família Ferezini ganhou dinheiro e agora o herdeiro, Marco Aurélio, tem uma das maiores imobiliárias do Núcleo Bandeirante, a Dimensão.

JEFFERSON RUDY



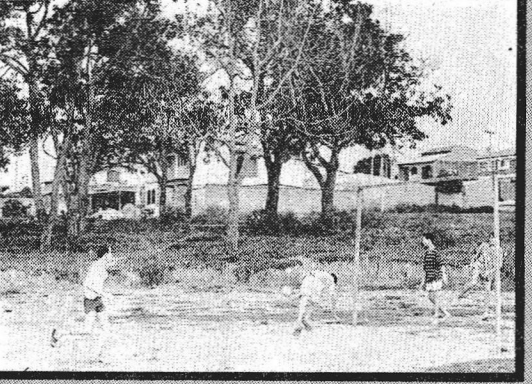
— Como era conhecido o primeiro bordel frequentado pelos candangos?

- () As “casa”
- () Luz Vermelha
- () Placa da Mercedes

■

Nos idos de 50, bordel tinha nome erudito. Chamava-se lupanar, por exemplo. A embrionária Brasília abrigava esse tipo de estabelecimento num endereço certo: a chamada “Placa da Mercedes”. Uma zona de meretrício que ganhou esse apelido em homenagem aos caminhões Mercedes-Benz que estacionavam por ali. O primeiro e mais famoso bordel foi criado em 1957. Pertencia a dona Neuma, uma “mulher da vida” — ainda não eram chamadas de “garotas de programa” —, que veio para a nova capital atraída pela sedutora proporção de sete homens para cada mulher. Ela morreu há pouco mais de um ano. Hoje, não existem mais lupanares na Placa da Mercedes. O lugar, na curva final do Núcleo Bandeirante, ganhou o nome de “região da Bica” e está lotado de casas de família.

JEFFERSON RUDY



— E a primeira escola pública para alunos do ginásio?

- () Dona Sarah Kubitschek
- () Julia Kubitschek
- () Juscelino Kubitschek

■

No início de Brasília já havia fila para se obter uma vaga em colégio público. Em 1957, as 296 crianças registradas aqui só tinham uma alternativa de estudo: a escola Júlia Kubitschek — nome da mãe de JK — inaugurada em 21 de setembro de 1957, na Candangolândia. Antes disso havia apenas um arrendado de grupo escolar, improvisado num galpão da Novacap, no Núcleo Bandeirante. Os dois lugares não existem mais, nem mesmo em ruínas. A escola Júlia Kubitschek virou pasto. No seu lugar, sobrou um restinho de cimento no chão, um campo de futebol, muitas vacas e um intrometido matagal.

Se você não acertou nenhuma das respostas, mergulhe imediatamente no arquivo público de Brasília. Se acertou apenas uma, menos mal. A melhor dica é passar na primeira livraria, comprar um livro sobre a história da cidade e aprofundar seus conhecimentos. Se acertou duas, muito bem. Com frequentes conversas com os pioneiros, seu desempenho será brilhante. Agora, se cravou todas, leve os amigos ao Museu da Memória Candanga e doe sua sabedoria.



O Hotel Souza foi pioneiro e único em 1956



Stroessner (E) primeiro hóspede da cidade de JK

Hospedaria

Brasília teve seu tempo de hotelaria-problema. Principalmente para quem fazia questão de muito dignamente hóspedes importantes. Para tirar os figurões do aperto, o arquiteto Oscar Niemeyer foi encarregado de projetar algo parecido com um hotel de luxo: o Hotel Brasília Palace, perto do Palácio da Alvorada e inaugurado em 30 de dezembro de 1958. O luxo do Brasília Palace foi pelos ares quando o hotel pegou fogo em 6 de agosto de 1978. De lá para cá, ele é só ruínas e já sobreviveu até ao ex-presidente Collor, que ameaçou implodir o que restou do prédio.

Hotel de luxo

Um grande acampamento, Brasília era ainda assim a futura capital e tinha de receber contes. Para tirar os figurões do aperto, o arquiteto Oscar Niemeyer foi encarregado de projetar algo parecido com um hotel de luxo: o Hotel Brasília Palace, perto do Palácio da Alvorada e inaugurado em 30 de dezembro de 1958. O luxo do Brasília Palace foi pelos ares quando o hotel pegou fogo em 6 de agosto de 1978. De lá para cá, ele é só ruínas e já sobreviveu até ao ex-presidente Collor, que ameaçou implodir o que restou do prédio.

Hóspede famoso

O primeiro hóspede famoso do Brasília Palace foi recebido com honrarias em maio de 1958 e acabou se radicando na cidade definitivamente, 30 anos depois. Sem festa, desta vez. Trata-se do ex-ditador paraguaio Alfredo Stroessner. Antes mesmo da inauguração do hotel, Stroessner passou por aqui e parece que gostou. Depois de derrubado do governo de seu país, mudou-se para Brasília e hoje mora em uma mansão no Lago Sul. Não se dá com os vizinhos e pode ser visto caminhando pelas redondezas todas as manhãs.